

## **Brasil Energia**

Antonio Carlos Sil

### **Duke temeu preço**

04/04/2005

A Duke Energy, que saiu sem nenhum contrato do 2º leilão de energia existente, atribui ao aviltamento do preço de reserva o motivo central não só da debandada da energia de usinas botox (plantas em operação a partir de janeiro de 2000 e com energia descontratada até março de 2004) como também do estressamento do produto 2009, que acabou eliminado da licitação após 45 rodadas.

O diretor de Assuntos Regulatórios da geradora, Paulo Born, disse que a empresa achou melhor não vender os pouco mais de 400 MW que havia habilitado. Entre outros problemas, A Duke enxergou um risco bastante elevado no produto 2008 por causa do preço do megawatt-hora - que começou em R\$ 99/MWh e terminou a R\$ 83,13/MWh, na média - atrelado a um contrato de longo prazo (oito anos).

Born não descartou que a Duke Energy venha participar das próximas licitações que o Ministério de Minas e Energia (MME) planeja realizar para esgotar a energia existente. A prioridade da geradora, contudo, é reforçar a estratégia de venda para consumidores finais no ambiente de negociação livre.

Apesar do comportamento "pouco racional", como qualificou Born, em relação especificamente à disputa pelo produto 2009, o executivo acredita que a organização do leilão pouco podia fazer em relação a isso. Da mesma forma, ele não acredita que houve falha do sistema, mas sim da alimentação dos parâmetros que o fazem funcionar.

Resultado ruim - Já na opinião do presidente da Câmara Brasileira dos Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), Cláudio Sales, o saldo do evento foi ruim sob todos os aspectos. O leilão, segundo ele, deixou de atender à demanda das distribuidoras e não conseguiu escoar a energia existente, conforme o compromissado pelo próprio governo.

Para Sales, o consumidor também ficou exposto. Isso porque persiste o risco de que as distribuidoras poderão ter de recorrer à energia com preço mais elevado para poder fechar a demanda descontratada.

Na visão do executivo da CBIEE, não ficou suficientemente esclarecido como o governo vai dar conta da colocação da energia velha que ainda restou - cerca de 40%, segundo a ministra Dilma Rousseff. Sales não está convencido de que isso será possível ainda ao longo de 2005, o que eleva a chance de que a demanda não-contratada acabe atendida unicamente por empreendimentos botox ou de energia nova.